

MICHEL FOUCAULT: A VIDA E A VERDADE NO ÂMBITO DA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA E DA FILOSOFIA COMO MODO DE VIVER

TULIPA MARTINS MEIRELES¹; CLADEMIR LUÍS ARALDI²

¹Universidade Federal de Pelotas– tulipameireles@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o tema da estética da existência na perspectiva da filosofia de Michel Foucault (1926-1984), como recurso afirmativo ao problema existencial sobre o sentido da vida e do viver, em um mundo desesperançoso em relação a política e a formas de viver mais livres do desasco em relação a população e a natureza. Nesse contexto, o cuidado filosófico de si e o trabalho de si sobre si (*áskesis*) carregam pouco ou nenhum sentido – ainda que sejam necessários e urgentes pelo caráter, neles implícitos, de uma ética de si mesmo que se apresente tanto como resistência ao exercício exacerbado do poder político, quanto como forma a dar vida. Para Foucault, apesar da aparente impossibilidade de constituir hoje uma ética do eu, ela é “uma tarefa urgente, fundamental, politicamente indispensável, se for verdade que (...) não há outro ponto, primeiro e último, de resistência ao poder político senão na relação de si para consigo” (FOUCAULT, 2011a, p. 225)

Abordaremos essa temática no pensamento de Michel Foucault a partir de dois cursos por ele ministrados no Collège de France: o primeiro do ano de 1982, intitulado *A hermenêutica do sujeito*, e o segundo do ano de 1984, intitulado *A coragem da verdade*. Temos por objetivos mostrar que Foucault apresenta dois sentidos para a estética da existência, complementares. O primeiro, aborda a questão da constituição ética de si como a criação de uma “obra de arte”. E o segundo busca dar a vida uma forma autêntica por meio da atitude radical de compreender a vida como “vida-outra”, conforme a atitude filosófica e escandalosa que teve no cinismo antigo sua primeira expressão.

A “atitude cínica” não está limitada ao estudo sobre a Antiguidade pois para Foucault, essa atitude é invariante na história, da antiguidade a modernidade é possível encontrar uma atitude cínica na religião e na política, mas é sobretudo na arte que ela encontra sua forma autêntica e intensa. Charles Baudelaire (1821-1867) compreendeu a “atitude de modernidade” como uma vontade de “heroifar o presente”. Para ele, essa atitude “consiste em recuperar alguma coisa de eterno que não está além do instante presente, nem por trás dele, mas nele” (FOUCAULT, 2015, p. 358). Mas a “atitude de modernidade” para Baudelaire não designa apenas uma relação com o presente, mas também uma relação consigo mesmo. Isso significa que ela está intimamente ligada com certo “ascetismo indispensável”, o que Baudelaire chama de “dandismo”. Para ele, “ser moderno não é aceitar a si mesmo como objeto de uma elaboração complexa e dura” (FOUCAULT, 2015, p. 360), mas constituir-se, inventar-se.

Buscamos, assim, desenvolver a noção de estética da existência no pensamento de Foucault a partir dessas duas abordagens, tendo como fio condutor o viés da arte e da ética de si, assim como a relação entre a Antiguidade e a modernidade, sob interferência de Charles Baudelaire, em *O pintor da vida moderna* (1863).

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido inteiramente por meio de pesquisa bibliográfica nas obras de Michel Foucault, em especial os cursos no Collège de France dos anos 1981-1982; 1983-1984. Além de textos, entrevistas e conferências do autor da década de 1980, como *Sobre a genealogia da ética* (1983) e *O que são as luzes?* (1984). Além do ensaio de Charles Baudelaire, *O pintor da vida moderna* (1863) e a historiografia da arte moderna a partir de G. C. Argan, *Arte moderna* e M. Shapiro, *Impressionismo*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento definimos as duas noções de estética da existência nos cursos *A hermenêutica do sujeito* e *A coragem da verdade*, e apresentamos de que forma essas duas abordagem culminam na arte do século XIX, a partir de Charles Baudelaire, em *O pintor da vida moderna*.

Em um primeiro momento, o curso *A hermenêutica do sujeito* (1981-1982) preocupou-se em defini-la a partir dos exercícios espirituais, da Grécia clássica ao período helenístico e romano. Nesse contexto, a estética da existência foi compreendida como uma maneira de constituir a si mesmo, de conceber a si como uma “obra de arte”. Para os Antigos, a vida como obra de arte é o exercício de uma existência ascética, isto é, de uma vida cujos princípios são formulados pela filosofia.

De Sócrates a Sêneca, a filosofia atuou como uma preparação para a vida e uma “terapêutica”, ela compreende uma maneira de viver que é constituída por uma série de princípios que incluem um conjunto de exercícios teóricos e físicos, como os de respiração, de abstinências, meditações, exames de si, e de prova de si, mas também leituras, escritas, conversas. Esses exercícios formavam um “equipamento de defesa” para o indivíduo, o permitiam assegurar a serenidade e a autonomia, em qualquer momento da vida, tornando-o livre, inclusive de si mesmo e de suas paixões. A estética da existência foi, nesse contexto, a referência pela qual o sujeito estabelecia sua relação com as “técnicas de si”, as técnicas da vida, a arte de viver e assim se compreendia como um sujeito moral e de conhecimento.

A vida filosófica, ou a vida tal como é definida, prescrita pelos filósofos como sendo aquela que se obtém graças à *tékhne*, não obedece a uma *regula* (uma regra): ela obedece uma *forma* (uma *forma*). É um estilo de vida, uma espécie de forma que se deve conferir à própria vida. Por exemplo, para construir um belo templo segundo a *tékhne* dos arquitetos, é preciso certamente obedecer a regras, regras técnicas indispensáveis. Mas o bom arquiteto é aquele que faz suficiente uso de sua liberdade para conferir ao templo uma *forma*, uma forma que é bela. De igual modo, quem quiser fazer da vida uma obra, quem quiser utilizar como convém a *tékhne toû bíou* deve ter em mente não tanto a trama (...) a espessa feltragem de uma regularidade que o acompanhe permanentemente (...). A obra bela é a que obedece à ideia de uma certa *forma* (um certo estilo, uma certa forma de vida) (FOUCAULT, 2011a, p. 381).

No curso *A coragem da verdade* (1983-1984) a concepção de estética da existência está relacionada com o tema da “verdadeira vida” e da “vida outra”, a vida escandalosa. Para Foucault ao mesmo tempo em que a história da subjetividade ocidental aponta para a possibilidade de uma “metafísica da alma”, a partir de Platão, ela propõe ao mesmo tempo uma estética da existência, cujo

exemplo central é o cinismo antigo, por trazer uma filosofia na qual a vida e a verdade estão imbricadas de uma forma inteiramente imanente. O modo de viver cínico se caracteriza por trazer formas extremamente reconhecíveis de comportamento, que faz da verdadeira vida, uma vida-outra, ou seja, radicalmente diferente das formas culturalmente aceitáveis, e nesse sentido, “escandalosa”:

O cínico é o homem do cajado, é o homem da mochila, é o homem do manto, é o homem das sandálias ou dos pés descalços, é o homem da barba hirsuta, é o homem sujo. É também o homem errante, é o homem que não tem nenhuma inserção, não tem nem casa nem família nem lar nem pátria (...) é o homem da mendicidade também. E temos vários testemunhos de que esse gênero de vida forma um corpo único com a filosofia cínica, que não é um simples ornamento (FOUCAULT, 2011b, p. 148).

Mas o cinismo para Foucault foi compreendido no curso de 1984 como uma “atitude crítica” semelhante a “atitude de modernidade” em Baudelaire. Segundo Foucault:

A doutrina cínica, portanto, de certo modo desapareceu. Mas quer isso dizer que o cinismo, um pouco à maneira do estoicismo, um pouco à maneira do epicurismo, um pouco e sobretudo à maneira do ceticismo (...) não se transmitiu, não continuou e prosseguiu essencialmente como uma atitude, uma maneira de ser, muito mais do que como uma doutrina? (FOUCAULT, 2011b, p. 156).

Em *O pintor da vida moderna* Baudelaire designa a “atitude de modernidade” como uma forma de relação com o presente, que é uma “heroificação do presente” – tentativa de captar o “eterno no transitório”, mas também designa uma relação consigo mesmo, no sentido de uma *áskesis*, presente no dandismo do artista “homem do mundo” e na pintura da primeira metade do século XIX. A arte moderna para Baudelaire, na pintura de C. Guys, caracteriza-se nesse sentido, mas também a de E. Delacroix e H. Daumier.

Segundo Argan (1992), o “belo” para Baudelaire não está na natureza, porque a natureza não é moderna, mas a sociedade do século XIX sim. Para Baudelaire, o belo “deve ser buscado na sua melhor parcela, que se distingue da média pondo-se acima não só da vulgaridade, mas também da moral comum” (ARGAN, 1992, p. 68). O belo é o que é estranho, diz ele, ele é sempre estranho e nisso o tema se aproxima do dandismo, pois os dândis, como cultivadores do belo em sua pessoa, são os verdadeiros “aristocratas do espírito”. O dândi “cria arte em sua própria pessoa, sem outra finalidade, e, apenas com sua elevação acima da média, oferece-se como modelo ou guia” (ARGAN, 1992, p. 68). O artista nessa concepção, deve satisfazer o seu próprio sentir, que não é comum, mas distinto da maioria. O artista como dândi é uma exceção entre os outros. E o meio para se distinguir é tomar uma distância da sociedade para interpretá-la. Fora da sociedade, o artista reside em suas margens, ele rejeita os hábitos e costumes do passado, a conformidade com o gosto comum, e rejeitando tudo se abre para a possibilidade de criar a si mesmo.

Para Foucault, o dandismo é uma disciplina rígida “mais despótica do que a das mais terríveis religiões” (FOUCAULT, 2015, p. 360). Em seu ascetismo, o “dândi faz de seu corpo, de seu comportamento, de seus sentimentos e paixões, de sua existência, uma obra de arte” (FOUCAULT, 2015, p. 360). Foucault considera que Baudelaire concebe o homem moderno como aquele que parte para inventar a si mesmo, “o homem moderno (...) não é aquele que parte para descobrir a si mesmo, seus segredos e sua verdade escondida” (FOUCAULT, 2015, p. 361). Na atitude de modernidade, a modernidade, “não liberta o homem

de seu ser próprio; ela lhe impõe a tarefa de elaborar a si mesmo" (FOUCAULT, 2015, p. 361). Assim, Baudelaire assumiria que, a tarefa de heroificar o presente, bem como a elaboração ascética de si só podem ocorrer no campo da arte. Segundo Foucault "Eles só podem produzir-se em um lugar outro que Baudelaire chama de arte" (FOUCAULT, 2015, p. 344), na medida em que é o artista, poeta, homem do mundo, dândi que heroifica o presente no trabalho de si sobre si, pela arte.

4. CONCLUSÕES

Compreendemos que a pesquisa foucaultiana aponta as principais preocupações e formas que a arte de viver e a coragem da verdade apresentaram na arte do século XIX, com interferência de Charles Baudelaire. O que nos leva a considerar que para Foucault, a arte é o "lugar-outro" onde pode se inscrever de modo autêntico a vida e a verdade no âmbito da estética da existencia e da filosofia como modo de viver.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, G. C. **Arte moderna**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

BAUDELAIRE, C. **O pintor da vida moderna**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

FOUCAULT, M. **A Coragem da Verdade**: Curso dado no Collège de France (1984-1984). São Paulo: Martins Fontes, 2011b.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**: Curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: Martins Fontes, 2011a.

FOUCAULT, M. **O que são as Luzes?** In: Motta, M. B. (Org). *Michel Foucault: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento (Ditos & escritos 2)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015, p. 351-368.

FOUCAULT, M. **Sobre a genealogia da ética**: uma revisão do trabalho. In: Rabinow, P; Dreyfus, H. *Michel Foucault: Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1995, p. 253-278.

SCHAPIRO, M. **Impressionismo**: Reflexões e percepções. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.